



VERDADES OCULTAS

Michael Hjorth
e
Hans Rosenfeldt

VERDADES OCULTAS

Tradução de
ELIN BAGINHA



Então, pendurem-nos bem alto
Então, pendurem-nos devagar
Mas pendurem-nos bem alto
Exijo vingança
Uma manhã cedo
Nascido para ser *geek*

«Töntarna», Kent

Há quanto tempo tinha deixado a cidade? Há anos, há vários anos. Mas quantos? Menos de dez, segundo parecia. Também não tinha muito interesse. Podiam, e até deviam, muito bem ser mais e mais longos, sentiu ela quando viu a familiar silhueta da cidade, pela janela do autocarro.

O que estava ali a fazer?

Por que motivo regressara? Verdadeiramente?

Dez anos, e então? Porque havia de se importar, sequer? Não se importava, não tinha interesse nenhum em saber o que acontecera a nenhuma das vinte e nove pessoas com quem fora forçada a passar o tempo durante três anos. O que faziam agora, se tinham constituído família, com o que trabalhavam, onde viviam.

Estava-se nas tintas para isso. Nas tintas para elas.

Também não conseguia imaginar que alguém tivesse algum interesse nela. Nunca significara nada para nenhuma delas. Lembrar-se-iam dela, sequer? Algumas, talvez sim. Pelo menos, deviam. O normal seria esquecer as pessoas para quem se tinha sido cruel? Só existiam, enquanto se podia atormentá-las e desapareciam quando já não era possível magoá-las? Talvez novas vítimas substituíssem as antigas em todos os sentidos.

O que estava ali a fazer? Por que motivo regressara?

Não era que tivesse um regresso triunfal, não vinha com nenhuma vingança elaborada. Nem com esperança que a acolhessem de braços abertos, ou que gostassem mais dela por se ter tornado famosa ou particularmente bem-sucedida. Não podia regressar e atirar-lhes fosse o que fosse à cara. O patinho feio não se transformara em cisne, só estava mais velho, mais duro, agora era o pato feio.

Então, o que estava ali a fazer?

Por que motivo voltara?

Talvez só quisesse mostrar-lhes que estava viva, que tinha coragem, que não tinham conseguido quebrá-la. Mas seria realmente assim? Quem sabia como a sua vida teria sido, se aqueles anos tivessem sido diferentes? Se tivessem sido melhores, suportáveis? Sem «As Três», que decidiram que nem valia a pena irritarem-se com ela, que a tratavam como ar, como um nada. Sem a cauda silenciosa, tão insegura, tão aterrorizada com a possibilidade de elas próprias acabarem na situação dela, que possibilitaram o sucedido. Sem Macke e Philip.

Não, não iria por esse caminho. Agora não, por enquanto, não. Afastou-os a todos: aos pensamentos, aos nomes, àquela noite. Mas eles iriam estar lá, recordou-se. Iria reencontrá-los. Naquela mesma noite. Na festa ou lá o que se deveria chamar-lhe. Para ela, não era nenhuma reunião, em todo o caso. Era preciso ter sentido algum tipo de pertença para ser possível reunificar alguma coisa. Eles estariam lá.

Talvez fosse por isso que fora até ali, que regressara.

O sonho. O sonho recorrente.

A primeira vez que o teve foi na noite a seguir a ter recebido o convite. E mais frequentemente depois de o ter aceitado. O sonho em que conseguia que se fizesse justiça, em que se fazia ouvir e se defendia a si própria. Finalmente. Em que lhes dava aquilo que mereciam. Por vezes era tão real, tão vivo, que

acordava com uma sensação de triunfo, que obviamente desaparecia assim que se levantava da cama e voltava à realidade.

O autocarro passou pelas tabuletas que anunciavam a entrada em Karlshamn, e a informavam que estava de regresso à cidade que tinha deixado. Que abandonara. De onde fugira. Disse para si própria que o nó que sentia no estômago, e que pensava serem remorsos e ansiedade, era provavelmente outra coisa. Determinação. Antecipação. Um ódio lentamente ressuscitado, que reprimira durante tanto tempo, mas que agora pretendia deixar crescer.

Fora por isso que regressara. Era isso que iria fazer. Ripostar.

A rua Kungsgatan.

Angelica Carlsson nem sequer tentou conter o sorriso de satisfação ao virar para aquela rua. Tinha vivendas maiores e mais luxuosas, apartamentos e andares mais bonitos, endereços mais exclusivos. Mas, passados apenas quatro meses, estava praticamente instalada em três espaçosas assoalhadas na rua Kungsgatan. Nada mal, na verdade.

Cento e doze dias depois de ter conhecido Nils.

Cento e treze dias desde que o contactara através de uma das muitas páginas de encontros *online* na qual estava registada e que consultava regularmente. Dezassete anos mais velho do que ela. Tinha um ar simpático, divorciado, uma filha adulta, o seu perfil parecia perfeito, exactamente o tipo de homem que procurava, mas claro que nunca tinha forma de saber ao certo. Fora apenas no quinto, ou talvez no sexto encontro, que percebera que encontrara o homem perfeito. De olhar abatido, pousara de forma um tanto tímida a sua mão sobre a dele, e dissera-lhe que esperava que ele quisesse encontrar-se com ela mais vezes, ficaria realmente feliz se... houvesse mais alguma coisa, se se juntassem. Ele rira-se, um pouco constrangido, e teria certamente feito um gesto dissuasor com as mãos se ela não estivesse a segurar uma delas.

– Para que queres alguém como eu?

Ela nunca deixara a alegria esfusiante transparecer no seu rosto, limitara-se a olhar para ele com ar sério e dissera-lhe que estava a ser parvo, perguntara-lhe porque se desvalorizava assim a si próprio, ele que parecia ser um homem tão maravilhoso. Era por isso que queria passar mais tempo com ele. De mãos dadas, tinham ido para casa dele naquela mesma noite. Fora a primeira vez que entrara no apartamento da rua Kungsgatan.

Algumas semanas mais tarde, deixara Dick aparecer em cena. O seu ex-namorado, um cretino incorrigível.

Deprimida e um pouco distraída, fora encontrar-se com Nils em casa dele, depois do trabalho. Ele reparara que algo não estava bem, claro, mas ela não quisera falar sobre o assunto, não queria que ele se visse envolvido naquela história. Manteve essa posição até sentir que ele estava prestes a deixar de lhe perguntar, que ia realmente fazer o que ela lhe pedia e abandonar o assunto.

Então, contara-lhe tudo, contrariada.

O final de tarde já se transformara em noite quando Angelica acabara a sua história, mas Nils ficara a saber tudo, como ela e Dick se tinham conhecido quando ela era jovem e estúpida, como ela achara emocionantes os seus planos desmedidamente ambiciosos, as suas palhaçadas malucas, o seu estilo de vida despreocupado, mas também como, sob uma aparência alegre e charmosa, escondera um lado sombrio e controlador. Com as lágrimas a correr-lhe pelo rosto, Angelica contara-lhe que, ao fim de alguns anos, ficara grávida, mas Dick não queria ter filhos de maneira nenhuma, pelo que a forçara a escolher entre ele e o bebé, mas, ainda assim, a deixara poucos meses depois do aborto. Nils abraçara-a no sofá, Angelica limpou as lágrimas e deixara-se consolar. Ponderara sobre como devia continuar, mas Nils ajudara-a ao perguntar o que a levava a pensar em Dick, precisamente naquele dia, naquele momento.

Acontecera alguma coisa? Ele contactara-a?

Sim, era precisamente isso.

Alguns anos antes, Dick voltara a entrar na sua vida, explicara Angelica. Recomeçara a cortejá-la, dizia-lhe que sentia a sua falta, que se sentia muito mal pela forma como a tratara, que percebera quão mal se comportara com ela. Tinha amadurecido e queria saber se havia hipóteses de se juntarem de novo. Insistira e implorara-lhe. E Angelica caíra na armadilha. Acreditara que ele realmente mudara. Que ele lhe poderia proporcionar a segurança que ela procurava.

No início, tudo corria bem, e, passados uns seis meses, decidiram ir viver juntos e compraram um apartamento em conjunto, em Gotemburgo. Porém, apenas alguns meses mais tarde, o lado ciumento e controlador de Dick reaparecera e tomara conta dele. Daquela vez, também se tornara violento, mas Angelica conseguira, de alguma forma, encontrar a força para se libertar. Nunca mais depois daquilo permitiria que ele a reconquistasse, fosse o que fosse que ele lhe dissesse ou as promessas que lhe fizesse. Para Angelica, Dick era um capítulo encerrado. No entanto, Dick não vira as coisas da mesma maneira, nem de perto nem de longe. De vez em quando, voltava a contactá-la, ameaçava-a, exigia-lhe coisas, pressionava-a, fazia todos os possíveis para lhe dificultar e destruir a vida. Agora era qualquer coisa relacionada com o apartamento de Gotemburgo e o empréstimo bancário, Angelica não sabia exactamente o quê, pois desligara o telefone e bloqueara-o, mas ele conseguira deixá-la perturbada.

Era por isso que parecera deprimida à chegada, apesar de ter razões para estar feliz, com a sua vida em conjunto com Nils.

Nessa noite, dormiram juntos pela primeira vez e, de seguida, Angelica chorou nos braços dele. Disse-lhe como se sentia feliz e grata por se terem conhecido, como ele a fazia sentir tão segura, tão acarinhada.

– Gosto de cuidar de ti – sussurrara-lhe Nils ao ouvido e acariciara-lhe o cabelo. Angelica abraçara-o, em silêncio, era precisamente aquilo que esperara ouvir.

Nas semanas seguintes, foi-se praticamente mudando para casa de Nils. Ia lá com mais frequência, começou a ficar mais tempo, levou uma ou duas mudas de roupa, ganhou uma prateleira, uma gaveta, espaço no roupeiro. Nunca o ouviu falar da ex-mulher e também nunca a viu, a filha sabia da existência de Angelica, mas parecia não se importar com o facto de o pai ter conhecido uma nova mulher. Nils e a filha não tinham um contacto particularmente próximo, telefonavam-se de quinze em quinze dias, na melhor das hipóteses. Durante o tempo que Angelica passara no apartamento, a filha nunca o fora visitar, apesar de viver em Helsingborg, que nem ficava a duas horas de distância.

Angelica percorreu os últimos passos até à porta do edifício. O sorriso de satisfação teria de desaparecer agora para ser substituído por sinais de ansiedade e preocupação. Estava na altura de dar o passo seguinte. Naquele dia, Dick tinha conseguido contactá-la novamente. Ameaçara-a com a polícia e o fisco e sabe-se lá mais o quê. Não percebera tudo o que ele dissera, mas era alguma coisa relacionada com a venda do apartamento de Gotemburgo e que ela, de alguma forma, lhe devia dinheiro.

Entraria no apartamento perturbada, abalada, em lágrimas, a precisar do conforto que só Nils lhe podia dar. E obtê-lo-ia. Porém, não conseguiria acalmar-se. Não naquela noite. Dick exigia-lhe 235 000 coroas suecas. Uma quantia enorme, exorbitante, impossível. Onde iria arranjá-la?

Até àquele momento podia planear, porém, a partir dali, teria de improvisar e adaptar-se ao desenvolvimento da conversa. Na melhor das hipóteses, Nils oferecer-se-ia, imediata e voluntariamente, para lhe emprestar o dinheiro, sem questionar nem verificar nada. O mais provável, contudo, era sugerir-lhe ajuda jurídica, talvez até uma denúncia à polícia. Nesse caso, Angelica

teria de corrigir o rumo, avançar com calma e cuidadosamente plantar a ideia de que poderia ser ele a ajudá-la a libertar-se de Dick de uma vez por todas. O seu cavaleiro-andante. Um empréstimo, uma quantia aceitável para ele, mas absolutamente crucial para ela.

Pelo menos, até surgir o problema seguinte e ela precisar de mais.

Colocou a chave na fechadura da porta do prédio, fechou os olhos e sentiu as lágrimas brotarem. Porra, era mesmo talentosa. A perfeição nasce da prática.

Quando voltou a abrir os olhos, só lhe restava um oitavo de segundo de vida. Nem isso. Ao sair da espingarda, a bala viajava a quase oitocentos metros por segundo, mais do dobro da velocidade do som, o que a impediu de ouvir o estrondo abafado, antes de ser atingida na têmpora e cair morta no chão da sua amada rua Kungsgatan.

Kerstin Neuman
Bernt Andersson
Angelica Carlsson
Philip Bergström
Aakif Haddad
Lars Johansson
Ivan Botkin
Annie Linderberg
Peter Zetterberg
Milena Kovacs

O terceiro corpo, o terceiro homicídio.

Vanja olhou de relance para a ambulância que, sem pressa, transpunha os bloqueios montados na rua Kyrkogatan, onde vários curiosos se tinham reunido atrás das fitas azuis e brancas da polícia. O veículo amarelo-esverdeado foi fotografado e filmado por vários telemóveis quando, sem as luzes azuis nem as sirenes ligadas, se dirigiu para o hospital com morgue mais próximo. Vanja não sabia onde ficava, ainda não tivera tempo de se familiarizar o suficiente com a cidade. Ursula sabia, já lá estivera para formar uma opinião pessoal sobre os ferimentos das duas vítimas anteriores. A única coisa que sabiam mais acerca delas era o que tinham podido ler em relatórios na esquadra, depois de a polícia local ter oficialmente passado a responsabilidade da investigação para a equipa da Riksmord.

A primeira vítima fora uma mulher de sessenta e oito anos, Kerstin Neuman, baleada, presumivelmente, quando ia buscar a correspondência à caixa do correio, que ficava na estrada principal. Não tinham muito por onde pegar ali, a pequena quinta onde ela vivera sozinha ficava isolada a alguns quilómetros da própria vila. Uma solidão e isolamento que Kerstin Neuman procurara deliberadamente, tinha Vanja percebido quando começara

a investigar o caso. Não tinham encontrado nenhuma ameaça directa contra ela, mas toda a população de Karlshamn, ou pelo menos a maior parte, sabia quem era Kerstin Neuman. Sabia o que ela fizera. Ou melhor, aquilo por que passara, uma vez que nunca fora considerada legalmente responsável pelo acidente de autocarro.

A segunda vítima chamava-se Bernt Andersson, tinha cinquenta e três anos, mas parecia ter, pelo menos, mais dez na fotografia que estava afixada no quadro branco que usavam no escritório improvisado da esquadra da polícia, a poucos quarteirões de distância. Era o resultado de uma vida difícil. Durante muitos anos, Bernt Andersson tinha abusado da maior parte das substâncias susceptíveis de serem consumidas.

De acordo com as pessoas que ocasionalmente o encontravam a vaguear por Asarum, onde vivia nos últimos tempos, tratava-se, pelos vistos, sobretudo de álcool. Era uma cara conhecida da polícia local, tinha passado incontáveis noites em celas por embriaguez, fora detido por conduta desordeira, acusado de delitos menores relacionados com narcóticos, mas escapara sempre com muitas avulsas. Fora denunciado algumas vezes por roubo e agressão às várias mulheres com quem, de vez em quando, conseguia viver por certos períodos. No entanto, nunca tinha sido condenado.

Fora encontrado caído sobre um dos aparelhos de um ginásio ao ar livre, no limite de uma zona florestal, três dias depois de Kerstin Neuman ter sido morta a tiro. Um tiro na têmpora com morte imediata, tendo acabado por ser determinado que fora usada a mesma espingarda nos dois casos.

Foi nessa altura que Krista Kyllönen, a chefe da polícia local, conseguiu persuadir os seus superiores na região sul, em Malmö, a chamar a equipa de Riksmord. Não era comum para uma investigação que começara apenas há uma semana, mas tratava-se de um franco-atirador em ambos os casos e não tinham nenhuma

testemunha, nenhuma prova pericial para além das balas, não tinham sido deixados cartuchos nos locais, não havia marcas de pneus no solo, nem nada que parecesse minimamente suspeito nas poucas câmaras de videovigilância espalhadas pela cidade.

Não tinham nada por onde pegar e precisavam de ajuda.

Dizer que tinham chegado a uma cidade aterrorizada seria um exagero, mas um terceiro tiroteio fatal no espaço de oito dias sem dúvida que aumentava a ansiedade e o medo e, nessas situações, a raiva nunca andava muito longe. Vanja suspirou, isto poderia facilmente transformar-se num pesadelo e não podia deixar que isso acontecesse. Tinha vários pares de olhos em cima dela, aquela seria a sua primeira investigação importante desde que assumira a liderança da equipa de Riksmord, em Dezembro. Desde que substituía Torkel.

Vanja voltou a olhar para o cimo da rua, na direcção da barreira montada no cruzamento mais próximo, junto à rua Södra Fogdelyckegatan. Não sabia o que significava «*fogdelycka*», nem se era sequer uma palavra a sério, soava-lhe a algo inventado. Também ali se tinham juntado alguns curiosos, mas não muitos, e nem todos tinham telemóveis nas mãos. Aquela barreira ficava mais afastada do local do crime, não sendo muito fácil fotografar algo que mostrasse muito mais do que uma rua comum de uma pequena cidade. Talvez conseguissem apanhar Ursula que, agachada, fotografava o local onde fora encontrada a vítima, Angelica Carlsson de trinta e nove anos, de acordo com a carta de condução que descobriram no bolso do seu casaco.

– Vanja.

Vanja virou-se e viu Carlos a aproximar-se dela. Era início de Abril e, apesar de o Sol já estar a pôr-se, não estava frio, pelo menos não o frio que se poderia pensar ao olhar para Carlos Rojas. Gorro puxado sobre as orelhas, luvas de pele forradas, um cachecol por baixo da gola do casaco de penas grosso e caro que Vanja sabia esconder ainda uma camisola de lã, uma camisa

de flanela e uma camisola interior. Tinha quase a certeza de que ele também usava ceroulas por baixo das calças de ganga de marca.

Carlos era o mais recente elemento adicionado ao grupo. A primeira vez que tinham trabalhado juntos fora em Uppsala, quando procuravam um violador em série. Vanja tentava não pensar muito naquelas semanas de Outubro, de há três anos e meio. Quão perto estivera de se tornar uma das vítimas. Tantas coisas terríveis que aconteceram num dos casos mais estranhos que já tinha investigado, mas fora então que ela e os outros da Riksmord tinham conhecido Carlos. Quando Torkel deixou o seu cargo, ou foi obrigado a deixá-lo, corrigiu-se Vanja, viram-se forçados a encontrar alguém para completar a equipa. Essa pessoa foi Carlos. Um bom colega com quem era fácil trabalhar, competente, dedicado, meticoloso. Inúmeras qualidades que Vanja apreciava, em especial, agora que era ela a responsável máxima por tudo o que caía sob a alçada da equipa. Carlos, porém, tinha muito frio. Constantemente, qualquer que fosse a temperatura.

– O que foi? – perguntou-lhe, quando ele a alcançou.

– Está uma mulher ali em cima – respondeu-lhe, apontando para o campanário, que ficava um pouco mais acima na colina, atrás de uma cerca de ferro forjado, do outro lado da rua. – Diz que ouviu o atirador.

– Ouviu-o?

– Foi isso o que ela disse. Queres falar com ela?

Vanja ponderou alguns segundos. Queria? Presumiu que a única coisa que ficaria a saber era que a mulher teria ouvido um estrondo. Mas era melhor falar com ela, não podia deixar nenhuma pedra por virar...

Seguiu Carlos até à pequena torre de pedra caiada, que se poderia julgar ficar ao lado de uma igreja, mas que, na realidade, reinava solitária na colina, com a igreja mais próxima a meio quarteirão de distância. Um pouco por toda a parte, espalhados pela relva, havia tufos de narcisos prestes a desabrochar.

A Primavera ia mais avançada ali do que em Estocolmo, pensou Vanja, sentindo-se uma reformada, porque aquilo era algo que o seu pai poderia ter dito. Um dos seus pais, pelo menos. Valdemar. Aquele de quem ela pensara que sempre seria próxima, acontecesse o que acontecesse, mas com quem, ao fim de muitas situações complicadas, mentiras e revelações, acabara por perder o contacto.

Também não ajudava muito o facto de ele estar preso.

Ao invés, Sebastian Bergman, que ela durante muitos anos fizera tudo o que pudera para expulsar da sua vida, era quem ela ainda contactava de vez em quando. Ao longo dos últimos anos, por mais estranho que parecesse, tinham desenvolvido uma relação quase normal. Era curiosa a forma como a vida podia seguir caminhos tão diferentes. Também tinha que ver com a filha dela, Amanda, a neta de Sebastian, que faria três anos em Julho. Vanja interrompeu o curso dos pensamentos e fez um esforço para reprimir as saudades que sentia sempre que pensava em Amanda, o que acontecia com bastante frequência.

Alcançaram a mulher, que estava à espera deles, com um carrinho de compras aos quadrados, parado ao seu lado. Tinha cerca de cinquenta anos, um penteado curto assimétrico, que Vanja imaginou ser o resultado de um encontro com uma tesoura em frente ao espelho da casa de banho da própria casa, a roupa estava em bom estado e limpa, mas transmitia uma impressão ligeiramente descuidada. Numa das mãos tinha uma pinça apanha-folhas e Vanja viu que o carrinho estava meio cheio com latas e garrafas de plástico vazias. Apresentou-se pelo nome e função e pediu à mulher que lhe contasse o que sabia.

– Já contei àquele ali – disse a mulher com um gesto de cabeça na direcção de Carlos. – Andava por aqui, há muitos jovens nesta zona à noite, por isso, costuma ser um bom sítio para encontrar latas, quando ouvi um estrondo.

Vanja praguejou para si própria. Podia, deveria, ter deixado o Carlos tratar daquilo. Ter prioridades, delegar. Torkel fora bom nisso.

- Um estrondo?
- Tipo um tiro.
- E sabe dizer de onde vinha?
- Não, soou como um eco entre as casas.

Vanja olhou em volta. Ali não havia nada que se pudesse propriamente considerar «entre as casas». No início da rua, havia duas casas de madeira, térreas, era verdade, e um grande edifício vermelho onde se lia «Jardim da Paróquia» em letras grandes, a uns trinta metros para o interior da área que parecia um parque, e onde agora se encontravam. Fora isso, havia apenas a casa de pedra de três andares que, solitária, ocupava um dos lados da rua Kungsgatan. Não havia nada onde algum som pudesse ecoar.

- Não viu ninguém a correr para fora daqui?
- Não.
- Ninguém a movimentar-se na zona, mesmo que não fosse a correr? Nenhum carro a afastar-se?
- Não, mas ouvi o estrondo.
- Obrigada, o meu colega vai ficar com a sua informação para o caso de precisarmos de a contactar outra vez, obrigada pela ajuda.

Vanja voltou à rua de baixo. Olhou em volta; de onde poderia ter vindo o tiro? De alguma das casas das ruas que se cruzavam com aquela e onde os bloqueios de estrada haviam sido montados? Talvez. Possivelmente de algum sítio dentro do parque de onde ela estava prestes a sair, mas era mais improvável. Eram poucas as árvores que podiam esconder uma pessoa, não havia arbustos grandes nem cerrados, seria demasiado arriscado à luz do dia. Na verdade, não adiantava muito especular, desconheciam o ângulo do tiro, e talvez nunca o conseguissem

descobrir, uma vez que não sabiam como Angelica Carlsson estava posicionada quando fora baleada. Havia uma chave na fechadura, próximo do sítio onde a tinham encontrado, apontando isso para que se preparasse para entrar pela porta azul. Se ela estivesse à frente da porta, nesse caso, o tiro teria vindo de algum sítio do lado direito, da rua Södra Fogdelyckegatan...

Será que devia mandar uns quantos agentes bater às portas das casas de pedra amarela, no cruzamento do qual se podia avistar o local do crime? O que teria Torkel feito?

Antes de tomar uma decisão, chegou à rua ao mesmo tempo que Billy saía pela porta azul e se dirigia para ela em passo rápido.

– Já sei para onde é que ela estava a ir.